

"Linguística, retórica e análise do discurso", de Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot

Luciane Carlan da Silveira

Universidade Federal de Santa Maria.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. Linguística, Retórica e Análise do discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-131.

O livro "Texto, Discurso e Argumentação - Traduções", organizado por Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito, possui trabalhos de diferentes autores envolvidos com pressupostos retóricos e pragmáticos e com teorias que supõem os sentidos, valores e verdades como fora de instruções linguísticas, ou seja, como decorrentes dos próprios encadeamentos argumentativos das significações na língua. Além da apresentação feita pelas organizadoras, a obra é composta por 11 artigos.

Este trabalho objetiva resenhar o quarto texto, intitulado "Linguística, Retórica e Análise do discurso", de autoria de Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot e tradução de Rosane Lorena de Brito, Mariza Angélica Paiva Brito e Maria da Graça dos Santos Faria. Ruth Amossy é professora emérita da Universidade de Tel Aviv, diretora de um grupo de pesquisa em Análise do Discurso, Argumentação e Retórica, ligado à mesma universidade, além de editora da revista digital *Argumentation et Analyse du Discours*. Atualmente, é responsável pelo Programa de Retórica no Departamento de Estudos Gerais da Faculdade de Letras. Anne Herschberg Pierrot é professora da Universidade Paris, responsável pelo Seminário Flaubert e coeditora chefe da revista *Flaubert*. Suas publicações se concentram, principalmente, em estereótipos e ideias recebidas. As autoras publicaram juntas o livro "Estereótipos e clichês" (2020).

O capítulo, composto por 34 páginas, é dividido em: introdução; 1) os estereótipos na língua (frases cristalizadas, semântica do estereótipo e do protótipo, os *topoi* na pragmática integrada), reunindo várias teorias da lexicologia e da semântica que se interessam pelo estudo da linguagem; 2) retórica e análise argumentativa, tratando da argumentação como um modo de persuasão discursiva; 3) estereótipos e análise do discurso (a escola francesa de análise do discurso, discurso e arquivo, o discurso da imprensa, a análise do discurso político); 4) "langues de bois" ("línguas de madeira"), dedicado às várias orientações da análise do discurso; conclusão e referências. Além

de retomar conceitos teóricos, as autoras apresentam diversos exemplos ao longo do texto acerca dos tópicos que estão sendo discutidos, contribuindo para a diferenciação de pontos relevantes.

Na primeira seção do capítulo, as autoras discutem sobre as locuções e as frases ou expressões cristalizadas, pelas quais passam a problemática dos estereótipos e clichês. A partir de Gross (1996, p. 14), definem locução como “qualquer grupo cujos elementos não se realizam individualmente”. Já clichês são figuras de estilo cristalizadas e correspondem a expressões que marcam intensidade, baseadas em comparações ou metáforas cristalizadas. Assim, existe interseção entre locução e clichê, embora nem todos os clichês sejam locuções e vice-versa, ambos fazem parte de um *continuum* de expressões fixas, juntamente com provérbios e *slogans*.

Na sequência, apresenta-se a origem dos conceitos semânticos de estereótipo e protótipo e como a Linguística os mobiliza. A origem de estereótipo está associada ao filósofo americano Hilary Putnam, sobre o significado dos nomes das espécies naturais. Desse modo, para o autor, estereótipo é uma ideia convencional, associada a uma palavra em uma determinada cultura; faz parte da significação, que responde à ideia comum associada à palavra; fornece uma representação da significação e permite que a palavra seja usada no discurso e no entendimento; garante uma descrição do sentido em uso, com base em um reconhecimento da norma social e cultural; está em evolução e não corresponde ao sentido pejorativo comumente associado à palavra hoje. Para a Linguística, “o significado de uma palavra, entendido como o que determina seu referente, é constituído pelas condições que um referente deve atender para ser adequadamente designada por essa palavra” (p. 100).

A origem da noção de protótipo apareceu na obra de Rosch, na psicologia cognitiva na década de 1970 e remete aos “processos de categorização no marco mais geral do estudo das estruturas de conhecimento na memória humana” (p. 103). Além disso, os protótipos são os melhores exemplares comumente associados a uma categoria; são “conceitos e representações mentais”; identificam-se com o conceito ou a imagem mental e não com o objeto designado; e possuem caráter típico e gradação. Na Linguística, é a teoria que permite sistematizar o problema do sentido lexical; é a teoria do sentido ‘linguístico’, e particularmente do significado de uma palavra.

Protótipo e estereótipo se assemelham por conterem dados semânticos mais salientes das categorias conceituais da linguagem natural (p. 104). Entretanto, protótipo relaciona-se com a historicidade do discurso e a psicolinguística, preocupando-se com a questão da categorização e organização das categorias semânticas, enquanto estereótipo relaciona-se com as convenções sociais e a representação sociolinguística, à medida em que é uma hipótese sobre a distribuição do conhecimento linguístico em uma comunidade.

Finalizando a primeira seção, retoma-se o conceito aristotélico de *topoi*, a partir de Anscombe e Ducrot, como parte da teoria da argumentação da língua, ou seja, em que o sentido profundo de um enunciado não deve ser separado de seu uso em um contexto, neste caso de seu valor argumentativo. *Topoi* podem ser definidos como “crenças apresentadas como comuns a uma determinada coletividade”; variam de acordo com as culturas e com a época (fato sociológico). São princípios gerais que servem de base para os raciocínios; o locutor os usa, mas não é autor; quase sempre se apresentam como se fossem objeto de consenso em uma comunidade (p. 108).

Eles dividem-se em intrínsecos e extrínsecos. Os primeiros constituem a base da significação de uma unidade lexical, enquanto os últimos são *topoi* agregados, que provêm do reservatório ideológico que toda língua tem em uma dada época.

Desse modo, os *topoi* remetem e fortalecem a representação da *doxa* em que se baseiam. Os extrínsecos, por serem extraídos de um reservatório de provérbios, *slogans* e ideias comuns, provêm de uma consciência linguística coletiva, isto é, o locutor não é o autor, mas recorre a esses mecanismos para garantir seus encadeamentos argumentativos, em que a voz de ‘nós’, a da comunidade linguística e cultural à qual o ‘eu’ pertence, fala através dele, salientando que “a argumentação na língua se inscreve na perspectiva da polifonia” (p. 110).

Na seção 2, “retórica e análise argumentativa”, as autoras retomam as obras: a) de Aristóteles, com o conceito de retórica, as fases e os gêneros do discurso; b) de Chaim Perelman e L. Olbrechts-Tyteca. A partir disso, discutem que, na Antiguidade, refletiu-se sobre o lugar comum como um meio de persuasão que não é desvalorizado, já que o critério de avaliação é a eficácia da palavra. Contemporaneamente, também não se atribui um caráter pejorativo à estereotipia e à *doxa*, uma vez que “o recurso a opiniões consagradas e evidências comuns se impõe na medida em que se deseja compartilhar as convicções, desenvolvendo um raciocínio que se baseie no verossímil” (p. 112). Considerando a lógica da argumentação, que necessita de opinião e de evidências, e que o auditório não é obrigado a aderir à tese defendida, revela-se um raciocínio plausível, que parece verdadeiro, mas não é, dando sentido ao recurso do *topoi*.

A noção aristotélica de *topoi* está diretamente relacionada à questão dos estereótipos e da *doxa*, com a distinção entre lugares comuns e lugares específicos em sua relação com a argumentação. Os lugares comuns são esquemas lógicos abstratos, princípios ou regras de argumentação; métodos de argumentação; ponto de encontro de um grande número de raciocínios oratórios sobre diferentes temas. Já os lugares específicos são opiniões correntes, ideias comuns de uma coletividade; recuperam crenças e valores ligados a determinadas noções; são premissas generalizantes sobre as quais se podem apoiar o raciocínio.

As autoras finalizam a segunda seção do texto salientando que os tópicos foram interpretados, desde a Antiguidade latina, erroneamente, como reservatórios de argumentos prontos, dos quais o orador deve nutrir-se, quando, na verdade, os lugares específicos são aqueles que cumprem o papel de repertório (p. 114), ou seja, servem como premissas generalizantes sobre as quais se podem apoiar os raciocínios, a partir de ideias comuns de uma coletividade. A estereotipia é, portanto, necessária para o bom funcionamento da argumentação: em suas diferentes formas, constitui a base de todo discurso com fins persuasivos. Hoje, a análise retórica não se baseia apenas nos tópicos aristotélicos; busca encontrar elementos dóxicos constitutivos da argumentação em sua manifestação social, ideológica e linguística, atentando para o contexto sócio-histórico da enunciação (p. 116).

Na terceira parte do capítulo, as autoras dedicam-se à relação entre estereotipia e análise do discurso. Elas comentam que, inicialmente, a análise do discurso da França (1960) não se interessou pela estereotipia, mas criou um quadro teórico favorável a seu estudo a partir da ideia de que o sujeito não é a fonte do sentido; da articulação do linguístico com o social, do discursivo

com o interdiscursivo; e do sentido das palavras que é dependente do contexto em que estão inseridas e do lugar dos locutores no campo sócio-histórico e institucional. Além disso, a noção de estereótipo está duplamente relacionada ao pré-construído (PÊCHEUX, 1970): no sentido de designar um tipo de construção sintática que inicia o pré-afirmado e, em um sentido mais amplo, de que o pré-construído é entendido como uma marca no enunciado individual, de discursos e julgamentos anteriores, cuja origem foi apagada” (p. 118). Desse modo, o estereótipo se constitui como evidência sem história; efeito de “verdade imediata”, que resulta do apagamento do conhecimento em que foi produzido (p. 119).

No tópico sobre discurso e arquivo, as autoras apresentam que, a análise do discurso, ao construir um *corpus* fechado, descarta a maior parte do que poderia ser analisado. Por isso, os trabalhos subsequentes não mais se limitaram a analisar séries textuais impressas já catalogadas por historiadores, tentando levar em conta a diversidade do arquivo (p. 120). Atualmente, a chamada história “cultural” transforma o discurso de uma época em objeto legítimo de investigação, sem com isso reivindicar-se como análise do discurso. Ao se propor determinar as representações de um determinado período, os historiadores não mais colocam como prioritária a questão da precisão (p. 121).

Em “discurso da imprensa”, comenta-se que a análise da imprensa contemporânea também tenta estabelecer, a partir de amplos *corpora*, algumas representações coletivas que correspondem ao imaginário da época, para entender suas funções, seu objetivo, seu escopo e que há estudos, conforme dois exemplos apresentados, que se declaram como análise de discurso com base no estudo de frequências lexicais e de situações de enunciação, isto é, em âncoras linguísticas do discurso e trabalhos que não dedicavam especial atenção aos mecanismos da linguagem como tais (p. 122). Em “análise do discurso político” discute-se que ele recorre ao estudo de frequências lexicais, mas também adota procedimentos que não são necessariamente de natureza linguística e que alguns cientistas políticos procuram estabelecer um esquema cultural cristalizado, avaliando seu potencial argumentativo em uma dada situação (p. 123).

Na última seção antes da conclusão, as autoras apresentam a expressão francesa “*langues de bois*” (“línguas de madeira”), que tem origem na Polônia e chegou à França durante os anos 70, aparecendo massivamente na imprensa no início dos anos 80. Essa expressão ligada à política (democracias populares, Partido Comunista) é uma ferramenta ideológica e polêmica, uma vez que é a língua daqueles que detêm o poder, usada como agente bloqueador de todo tipo de comunicação social, evitando a comunicação e as discussões. Se materializam em expressões estereotipadas, *slogans* e lemas que se repetem, como em clichês televisivos ou campanhas políticas, a exemplo do “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Na conclusão do capítulo, as autoras trazem que cada disciplina, ao teorizar de forma diferente sobre a estereotipia, propõe distintos métodos de análise como: a) a abordagem empírica - Psicologia social; b) a abordagem textual - estudos literários, análise argumentativa e análise do discurso e c) a abordagem teórica - teoria do estereótipo e do protótipo e pragmática integrada dos *topoi*. Estabelecer relações entre essas diferentes correntes permitirá analisar e revelar a importância dos estereótipos na reflexão contemporânea, de forma ampla.

Nesse viés, destaca-se, portanto, a importância das discussões, reflexões e exemplos trazidos nesse capítulo, por Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot, bem como do livro como um todo. Muitos são os recursos e as estratégias que podem estar envolvidos na argumentação, considerando não só sua dinâmica, mas também a multiplicidade de gêneros escritos e orais que estão à disposição para uso em nosso dia a dia. A noção de estereótipos e clichês, muitas vezes, está associada ao negativo, ao pejorativo, ao “não uso” em produções textuais. Entretanto, do ponto de vista linguístico, retórico e pragmático, é interessante pensar, refletir e analisar com que objetivo tal noção é/pode ser mobilizada.

Retomando os conceitos aristotélicos de *ethos* e *páthos*, o orador, ao fazer uso de estereótipos e/ou clichês em sua argumentação, pode tornar o texto familiar, facilitando o acesso do leitor a um imaginário coletivo, por meio de imagens, sensações, linguagem. Além disso, o uso desses recursos pode propiciar uma identificação do leitor com o enunciador, como pertencente a um determinado grupo. Ambas situações contribuem para despertar o interesse ou a curiosidade do leitor, promovendo também a leitura e a compreensão de enunciados. Dessa forma, convencer ou persuadir, objetivos de toda argumentação, podem ser observados por meio da presença de estereótipos e clichês em dados contextos e gêneros.

Do ponto de vista educacional, na interação em sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem de língua materna, também cabem destacar as contribuições positivas que os estudantes podem ter ao olhar para esses recursos em diferentes gêneros, como: avanços sobre conhecimentos linguísticos e pragmáticos, conhecimento de mundo, desenvolvimento do senso crítico. Habilidades e competências cada vez mais necessárias para que sejamos cidadãos conscientes e atuantes em nossa sociedade.

Referência

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Linguística, Retórica e Análise do discurso**. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 97-131.